

'The Chemistry of Natural Products'

Editado por R.H. Thomson
Blackie Academic & Professional
Londres, 2ª edição, 1993.

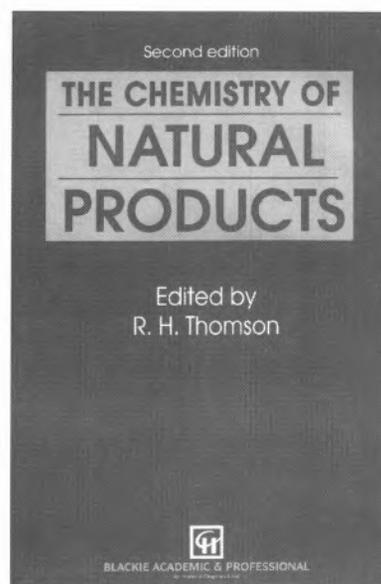
Este livro pretende cobrir os principais desenvolvimentos *recentes* da química dos produtos naturais, a saber: estrutura, química, síntese e biossíntese. Trata-se de um objectivo ambicioso. A estratégia adoptada foi a de atribuir a um autor diferente cada capítulo. A escolha e o tratamento dos assuntos é de uma maneira geral equilibrada, de forma a cobrir as famílias tradicionais de produtos naturais (açúcares, terpenoides, esteroides, alcaloides, amino-ácidos e péptidos, nucleótidos e nucleósidos, e porfirinas). Foram adicionados a este conjunto mais dois capítulos, um sobre compostos aromáticos e outro sobre compostos alifáticos. Especialmente este último escapa às categorias biossintéticas tradicionais e inclui no final uma menção mais desenvolvida a compostos

da família dos enediinos, poderosos agentes antitumorais capazes de quebrarem as cadeias do DNA. Pela estratégia seguida o resultado é um livro de nível avançado, contendo um número apreciável de referências a bibliografia primária dos finais da década de oitenta e início da década de noventa, aproximando-se mais a uma colectânea de artigos de revisão, muito embora de âmbito amplo.

A apresentação gráfica é de um modo geral agradável, muito embora a apresentação das fórmulas seja bastante variável de capítulo para capítulo.

Trata-se de um livro que integrará com vantagem a biblioteca de um departamento ou laboratório de química com investigação na área da química dos produtos naturais.

A.M.Lobo



Em resposta a uma carta publicada no *Química* nº 55, assinada por Carlos José Rodrigues Martins, na qual o autor exprime indignação pelo facto de os artigos publicados na Revista Portuguesa de Química serem escritos exclusivamente em inglês, gostaria de dizer, resumidamente, o seguinte:

Qualquer pessoa que faz investigação científica e obtém resultados deseja que estes sejam amplamente divulgados *pela comunidade científica*. Por outro lado, é um facto da vida que o inglês é a língua utilizada pelos cientistas de todo o mundo para comunicarem entre si. Ora a *Revista Portuguesa de Química* tem como um dos objectivos principais divul-

gar, *pela comunidade científica*, "a melhor Química que se faz em Portugal". Se os artigos fossem escritos em português, dos 200 milhões de falantes que o colega Carlos Martins refere, poucos milhares teriam acesso fácil a esses trabalhos. Publicar os artigos em português e em inglês seria uma despesa inútil para a SPQ: todos os potenciais interessados nos assuntos tratados na Revista têm um domínio suficiente da língua inglesa para não necessitarem de uma tradução em português. Convém sublinhar novamente que é a comunidade científica, e não o público em geral (mesmo os mais interessados por assuntos de Química), que é o alvo da Revista. Para os últimos,

a SPQ publica o *Química*, onde raramente aparecem artigos em línguas estrangeiras. Finalmente, quanto aos sumários em português a sua publicação é uma questão quase política...

A decisão de modificar a linha editorial da *Revista Portuguesa de Química* foi por mim tomada, enquanto Secretário-Geral da SPQ (1991-94). Sou um defensor acérrimo da língua portuguesa mas, também, da "química portuguesa". Espero que este esclarecimento possa contribuir para minorar a indignação do colega Carlos Martins.

Yours sincerely,

J. A. Martinho Simões

correspondência